



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Carreirão Gonçalves, Michelle; Fernandez Vaz, Alexandre
RESÍDUOS DO AMADORISMO NO ESPORTE: A EXEMPLO DE UMA EQUIPE DE
RÚGBI FEMININO

Movimento, vol. 21, núm. 3, julio-septiembre, 2015, pp. 591-601

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115341503003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

RESÍDUOS DO AMADORISMO NO ESPORTE: A EXEMPLO DE UMA EQUIPE DE RÚGBI FEMININO

REMAINS OF AMATEURISM IN SPORT: FEMALE RUGBY AS AN EXAMPLE

*RESIDUOS DEL AMATEURISMO EN EL DEPORTE: A EJEMPLO DE UN
EQUIPO DE RUGBY FEMENINO*

Michelle Carreirão Gonçalves*, Alexandre Fernandez Vaz**

Palavras-chave

Amadorismo.
Rúgbi.
Profissionalização.

Resumo: O amadorismo faz parte da história do esporte moderno e, ainda hoje, apesar da profissionalização, compõe o imaginário esportivo. Em algumas modalidades, porém, desenvolve papel exemplar, como no caso do rúgbi. Por meio de pesquisa de campo realizada em uma equipe feminina de rúgbi sediada em Florianópolis-SC – composta por observações do cotidiano do time e entrevistas semiestruturadas com jogadoras –, encontramos o ideal amador como elemento norteador da dinâmica desse esporte, seja nas relações permeadas pela hierarquia e pelo respeito ao outro, seja no lugar ocupado pela tradição que vem sendo, gradativamente, tensionada pela profissionalização.

Keywords:

Amateurism.
Rugby.
Professionalization.

Abstract: Amateurism is part of the history of modern sport and, despite professionalization, it is still present in sports imaginary. However, it plays a key role in some sports, such as rugby. Field research conducted with a female rugby team in Florianópolis, Brazil – including observations and semi-structured interviews with players – found the amateur ideal as a guiding element of that dynamic sport, whether it is in relations pervaded by hierarchy and respect for the other or in tradition, which is increasingly threatened by professionalization.

Palabras clave

Amateurismo.
Rugby.
Profesionalización.

Resumen: El amateurismo es parte de la historia del deporte moderno y, aún hoy, pese la profesionalización, es uno de los componentes del imaginario deportivo. En algunas modalidades, sin embargo, el amateurismo tiene un papel ejemplar, como en el caso del rugby. A través de una investigación de campo desarrollada en un equipo femenino de Florianópolis, Brasil, compuesta por observaciones del cotidiano del equipo y entrevistas semiestruturadas con las jugadoras. Encontramos el ideal amateur como elemento norteador de la dinámica de este deporte, tanto en las relaciones estructuradas por la jerarquía y por el respeto al otro, como en el lugar ocupado por la tradición, que ha sido gradualmente amenazada por la profesionalización.

*Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: michelle_carreirao@yahoo.com.br

**Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: alexfvaz@uol.com.br

Recebido em: 30-08-2014

Aprovado em: 19-01-2015



1 INTRODUÇÃO

A história do esporte, um empreendimento moderno, não se pode desvincular daquilo que se denominou amadorismo, cuja principal característica é a defesa do jogo por puro prazer, por *sport*, prática isenta de quaisquer outras intenções, seja troféu, medalha, fama ou dinheiro. Associado a uma mentalidade muito específica, baseada no etos cavalheiresco, o ideal amador fazia parte da campanha do século XIX a favor do caráter (GAY, 1995), mas também da manutenção de alguma exclusividade social por parte da aristocracia, que começava a experimentar a própria ruína.

Assim, a resistência ao profissionalismo tem, por um lado, uma justificativa moral. Se o programa do esporte moderno consistia na realização do jogo limpo e na propagação dos valores do *fair play*, era condição para tal a honestidade dos envolvidos, bem como um autocontrole estoico, já que “Quem jogava limpo não se vangloriava nem ficava exultante; era bom perdedor e (coisa ainda mais difícil) bom ganhador” (GAY, p. 445). Apenas os amadores seriam capazes de realizar tal façanha, enquanto que os profissionais, por terem outros interesses em (e no) jogo, não poderiam garantir tal postura.

Por outro lado, o ideal amador se sustentava também em questões sociais, sendo um importante elemento de distinção¹ das classes mais abastadas, em especial da nobreza, que tentava resistir ao próprio declínio. Assim, diferenciavam-se os cavalheiros (amadores) dos jogadores (profissionais), enfatizando a divisão de classes, cujo modelo mais bem acabado foi a Inglaterra Vitoriana, de cuja experiência se origina o esporte moderno, bem como o ideal amador. Tentava-se com isso manter ao menos alguns esportes como exclusividade das elites, amadores que tinham tempo e dinheiro para se dedicar à prática esportiva desinteressada. Exemplo desses esportes esnobes, como os denominou Gay (1995, p. 442), são o tênis, o remo, o hipismo e o polo, que “[...] exigiam acessórios caros e um compromisso de tempo e de mensalidades muito além do alcance das classes trabalhadoras”.

Dunning (1992), ao tratar do tema do amadorismo, argumenta que o esporte na Inglaterra do século XIX era uma atividade realizada por livre aderência às regras, desvinculada de interesse pecuniário ou com fins egoístas, quer dizer, por puro divertimento. Entretanto, o etos amador teria ganhado força a partir da ameaça da incipiente profissionalização de alguns esportes, o que atraiu para o campo esportivo grupos das camadas médias e baixas, deixando de ser, gradativamente, reduto exclusivo da elite. Desta maneira, cristalizou-se uma ideologia amadorística que procurava manter, a partir de um discurso moral que defendia a prática do esporte com acento tônico no prazer da disputa (livre de outros interesses), formas específicas de participação nas atividades que a classe dirigente considerava ser um direito seu (algo que de fato foi possível na era pré-industrial, segundo o autor, mas condição que não se pôde manter por muito tempo). O amadorismo se coloca como uma resposta, espécie de resistência à tendência para a crescente seriedade no esporte – na direção de maior competitividade, mais envolvimento e orientação para os resultados –, delimitando valores, atitudes e estruturas muito específicas que se opõem àquelas ligadas ao profissionalismo, e que foram gradativamente ruindo. Desse contexto também fazia parte o rúgbi.

¹ Pierre Bourdieu, em seu pequeno ensaio *Como é possível ser esportivo?*, diz: “O *fair play* é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo, dos que sabem manter a ‘distância em relação ao papel’, como diz Goffman, implícita em todos os papéis prometidos aos futuros dirigentes” [grifos no original] (BOURDIEU, 1983, p. 139).

Na Grã-Bretanha desenvolveu-se, em várias ocasiões, resistência a essa orientação, talvez de maneira mais notável através das tentativas efectuadas desde o final do século XIX para manter o rãguebi como um desporto acima de tudo de praticantes amadores, baseado na organização voluntária e num quadro de jogos “amigáveis”, isto é, um desporto em que as regras se destinavam a garantir o prazer dos jogadores mais do que o dos espectadores, em que a organização nos clubes, aos níveis regional e nacional, se verificava em termos de ocupação não remunerada e onde não existia uma estrutura de competição formal, de “taças” e “ligas”. (DUNNING, 1992, p. 299-300).

Na passagem acima Dunning deixa-nos ver o movimento iniciado no século XIX na Inglaterra para manter o esporte como atividade de nobres cavalheiros. Já no século XXI, apesar do desenvolvimento acelerado do esporte profissional, que envolve contratos milionários e regime de trabalho intenso, ainda se podem encontrar resquícios do amadorismo no interior das práticas esportivas. É o caso do rúgbi brasileiro, esporte que se equilibra entre o desejo de fortalecer-se como modalidade no país – e torná-la cada vez mais competitiva no plano internacional – e o esforço e vontade de manter vivo o ideal amador, com seus valores ligados à amizade, ao respeito e ao amor ao clube.

Nas próximas páginas apresentamos como se coloca a questão do amadorismo no mundo do rúgbi, a partir de um trabalho etnográfico feito com um clube sediado na cidade de Florianópolis, o Desterro Rugby Clube², especialmente com sua equipe feminina³. O material empírico compõe-se de um conjunto de 24 observações (todas registradas em caderno de campo⁴), entre os anos de 2010 e 2011 (incluindo treinos, encontros sociais, viagens e jogos), do cotidiano do time feminino do Desterro⁵, além de quatro entrevistas semiestruturadas com jogadoras do clube que são (ou foram) também do selecionado nacional.

2 O RÚGBI

A *Rugby Football Union*, entidade máxima reguladora do rúgbi no mundo, desde sempre valorizou o ideal amador, diferindo-se da sua irmã, a *Football Association*, que há muito aceitou a profissionalização de jogadores das equipes a ela associadas (RIAL, 1998). Isso não significa a inexistência de disputas e polêmicas no interior daquela entidade no que concerne à profissionalização no rúgbi. Elas tanto existiram que geraram uma cisão na instituição, resultando em duas categorias de jogo distintas: a *rugby union* e a *rugby league*. A primeira delas é a mais tradicional e mais difundida mundialmente, enquanto a segunda é uma derivação da primeira, sendo menos conhecida. Além de diferenças nas regras⁶, um elemento

2 O Desterro Rugby Clube foi fundado em 1995 com a criação de um time masculino. Já entre 1996 e 1997, formou-se a equipe feminina. Atualmente o clube conta com times masculinos (juvenil e adulto) e o feminino (adulto). Sua manutenção dá-se por meio do pagamento de mensalidades por parte dos seus associados, jogadores e jogadoras (é preciso ser sócio do clube para compor as equipes), mas também ex-jogadores, familiares, amigos etc. Os treinos de cada categoria ocorrem três vezes na semana, mas jogadoras também investem em horas extras de preparação, realizando treinos físicos diversos, inclusive musculação. O mesmo ocorre entre os homens.

3 Apesar de a pesquisa que resulta parcialmente neste artigo não orientar-se pelos Estudos de Gênero, destacamos a inserção das mulheres em um esporte com tradição fortemente masculina. O fato de ser um esporte sem tradição no Brasil parece facilitar o desenvolvimento do rúgbi entre mulheres no país. Entretanto, os resultados mostram que apesar de ser o selecionado feminino mais bem-sucedido do que o masculino no contexto mundial, por exemplo, o apoio segue sendo, em âmbito nacional, maior ao naipe masculino. As questões relativas ao lugar (ou lugares) das mulheres no mundo do rúgbi serão apresentadas e analisadas em outro momento.

4 Ao longo da etnografia ocorreu uma mudança metodológica: se num primeiro momento a pesquisadora manteve-se apenas como observadora, de fora do campo, num segundo, após convites vindos do grupo de jogadoras, passou a atuar também dentro dele, participando ativamente dos treinamentos e atividades do time.

5 Forma como o discurso nativo denomina o clube e que, a partir de agora, será por nós utilizada.

6 Há diferenças nas dimensões do campo, na pontuação (o *try*, maior forma de pontuar no jogo, na *Rugby Union* conta 5 pontos e na *Rugby League* conta 4, por exemplo), no número de jogadores (15 na *Union* e 13 na *League* – não esquecendo que há a versão de 7 na *union* também) e na forma de jogo (na *Union* o que vale é a posição em campo e na *League* a posse de bola).

importante de diferenciação entre a *rugby union* e *rugby league* é que a primeira manteve-se como amadora, enquanto a segunda tornou-se profissional (como dissidente da *union*). O fato da pouca popularidade da *league* em comparação à *union* parece já indicar a predominância do caráter amador no mundo do rúgbi, que tem se constituído, historicamente, como uma prática de *gentlemen*.

Apesar do intenso contato corporal – que pode gerar desconforto a um espectador não habituado à prática –, os códigos de conduta do rúgbi procuram enaltecer respeito, disciplina, coragem, lealdade, espírito esportivo, integridade, solidariedade, trabalho em equipe, união, camaradagem, cordialidade e amizade, jogo limpo e justo. Esses elementos parecem reger a dinâmica das equipes de rúgbi, materializados, por exemplo, pelo pagamento de mensalidades⁷ ao clube para poder praticar o esporte (e, muitas vezes, das viagens para competições), pelo respeito ao outro dentro e fora de campo, pela tradição do terceiro tempo, a reunião pós-jogo entre as equipes que disputaram a partida, patrocinada pelo time da casa que, composto por cavalheiros, deve oferecer comida e bebida ao grupo de visitantes, proporcionando um espaço de confraternização entre os amantes do rúgbi, celebrando a camaradagem e o *fair play*. Enfim, na manutenção e propagação daquilo que o discurso nativo chama de *espírito do rúgbi*, responsável por fazer dessa modalidade um dos últimos redutos do esporte aristocrático, feito e praticado por cavalheiros. Aquele que pratica rúgbi seria muito mais do que um simples jogador, é um *rugbier* que consigo leva os valores do esporte, que os ensina aos mais novos e zela para que a tradição mantenha-se viva. Nessa dinâmica, a vinculação clubística tem grande importância. Conta o amor ao clube, à camisa, aos companheiros que dividem o cotidiano do esporte, formando uma espécie de família que compartilha as agruras e os prazeres proporcionados pela modalidade.

No time feminino do Desterro o amadorismo faz-se presente de distintas formas, tanto nas sessões de treinamento quanto nas falas de nossas informantes. Aqui destacaremos as seguintes questões: 1) a dinâmica específica das relações, permeadas pela hierarquia e pelo respeito ao outro; 2) o lugar da tradição e suas tensões com a profissionalização.

3 A DINÂMICA DAS RELAÇÕES: O RÚGBI E SEUS PERSONAGENS

Ao adentrarmos o mundo do rúgbi deparamo-nos com uma prática hierarquizada no que diz respeito às relações entre os personagens que nela transitam. Neste contexto, árbitro, adversário, veteranas (aquelas com mais tempo na modalidade) e técnico assumem lugares e papéis privilegiados.

Com a arbitragem há uma conduta específica. Apenas a capitã da equipe pode dirigir a palavra ao árbitro e este deve ser sempre tratado por “Senhor” (ou “Senhora”, quando mulher), sob qualquer circunstância. Ele é uma figura inquestionável, como nos disse uma das entrevistadas: “[...] no respeito ao árbitro, que é impressionante, que tu podes achar que ele está errado, mas tu vais deixar a bola e sair dez metros, porque ele marcou penal⁸ e é penal mesmo”. (JOANA⁹)

7 Quando da realização da pesquisa, o valor da mensalidade era de R\$50,00, com sobretaxa de 10% quando houvesse atraso de pagamento.

8 Penal é uma penalidade grave que exige, quando da sua cobrança pela equipe que sofreu a falta, que o time infrator esteja afastado dez metros do local. A cobrança de penal é uma das formas de pontuar, assim como o *try*, o chute de conversão e o *drop goal*.

9 Joana: 31 anos, joga rúgbi desde 2004 e já neste mesmo ano começou a atuar na seleção brasileira, sendo, no momento da pesquisa (2011 a 2013), capitã do selecionado.

Vale destacar que discutir com o árbitro é considerado, formalmente, uma infração no jogo de rúgbi, havendo, inclusive, duras punições àqueles que eventualmente questionam a arbitragem, o que reitera o total respeito ao árbitro¹⁰. Como podemos ler na fala de Joana, essa é uma dinâmica já incorporada na estrutura de jogo. Mesmo que haja algum descontentamento em relação ao posicionamento do árbitro, é preciso aceitá-lo, pois é ele que, naquele tempo e espaço, tem o poder de regular (e, de certa forma, guiar) o jogo. Ele “está ali para fazer o corte”, como bem assinalou Wisnik (2008, p. 104) ao tratar do caso do futebol, realizando um “esquadrinhamento do jogo pelo olhar da lei” (WISNIK, 2008, p. 107). Tem-se também, atrelado a isso, um respeito irrestrito às regras da modalidade, que são, finalmente, o que a arbitragem representa.

No contexto do jogo, o respeito ao adversário é fundamental. Ele é aquele que compartilha do amor ao rúgbi, dedicando um pouco do seu tempo para receber um time em sua cidade ou deslocar-se até outra para disputar uma partida (como assinalou uma de nossas informantes). Por isso, merece todo respeito e deve ser tratado com seriedade, mesmo quando é tecnicamente inferior. Neste caso, não é incomum o suporte oferecido às iniciantes, por parte das jogadoras mais experientes, mesmo sendo essas de outro time. Em uma partida por nós observada entre o Desterro e o Brusque *Rugby Clube*, Marcela¹¹, uma de nossas entrevistadas, que não participava da disputa por motivo de lesão, dava dicas e orientava taticamente o time adversário, dizendo como deveria se posicionar e se movimentar, a fim de otimizar o jogo. Em entrevista, falou algo sobre o tema, demonstrando ser essa uma prática comum, não apenas de sua parte.

Olha só, um exemplo: quando a gente está jogando com um time teoricamente mais fraco, você vê nitidamente que as meninas não sabem jogar. Eu estou ali jogando e já cansei de dar dica pro outro time: “não, não, você está na frente, volta pra trás para ajudar a tua companheira”. Então existe essa troca. (MARCELA).

Tal postura é exemplar do amadorismo, indicando que o jogo e o prazer nele implicado são mais importantes que vencer. Mas para que haja prazer é necessário, como assinalou Elias (1992, p. 233), um equilíbrio de tensão instável que depende, dentre outras coisas, “[...] de disposições que garantam aos concorrentes, não só quando atacam como quando defendem, oportunidades iguais de vitória e de derrota”. Quer dizer, quanto mais desequilibradas as condições técnico-táticas das equipes concorrentes, mais desestimulante é o jogo, mesmo para quem tem o predomínio absoluto. Por isso, é preciso diminuir as diferenças, reduzir as distâncias entre os níveis das equipes, como bem mostrou Marcela, atitude que deve partir das veteranas, por conhecerem mais o rúgbi do que as recém-chegadas. As novatas precisam de alguém que as guie e forme, que as apresente esse mundo ainda estranho, repleto de códigos e leis que ainda não dominam. Assim como acontece com as crianças que, ao nascerem, penetram num mundo novo, e precisam então dos adultos para o aprenderem – processo mediado pela educação, como bem mostra Hannah Arendt (1993) –, as novatas, em sua condição de *infantes* no contexto do esporte, necessitam da ajuda das veteranas para serem socializadas no rúgbi.

Neste contexto, destaca-se o constante cuidado com as novatas, já que as veteranas estão sempre atentas para que as recém-chegadas sejam bem tratadas, se integrem ao grupo, aprendam o jogo. As jogadoras mais experientes são uma espécie de tutoras das mais novas,

10 As suspensões variam de um a três jogos, no caso de intromissão na arbitragem ou recusa ao cumprimento das decisões do árbitro, até um a três anos, quando da tentativa de agressão ao árbitro.

11 Marcela: 33 anos, joga rúgbi desde 1997, foi uma das fundadoras do time feminino do Desterro. Atuou na seleção brasileira já na sua primeira formação, em 2001 – sendo, inclusive, a primeira capitã do selecionado –, até 2009. Foi presidente do Desterro *Rugby Clube* entre os anos de 2010 e 2013.

devendo passar os ensinamentos, valores e tradições do esporte, mantendo o gosto pelo rúgbi vivo. Exemplar é o seguinte extrato do caderno de campo:

Durante o almoço o grupo se distribui pela praça de alimentação do supermercado. J. [veterana] senta comigo, P. e H. [novatas]. Acho interessante que J. sempre está perto das novatas, cuidando, ensinando, dando explicações, fazendo companhia, enfim. Para a viagem, a mesma coisa: as novatas (eu, H. e P.) vão [no carro] com J.¹²

O papel desempenhado pelas veteranas do Desterro aproxima-se, em parte, do dos fisiculturistas nas academias de musculação, como bem mostrou Sabino (2000). Segundo o autor, eles se destacam por sua forma física derivada de anos e anos de musculação, tornando-se objeto de admiração de seus pares (ou seja, os homens¹³), “não apenas por seu tamanho, por vezes assustador, mas pela experiência e conhecimento de todo o processo de fabricação de um corpo musculoso” (SABINO, 2000, p. 74). No rúgbi o que está em pauta não é a construção de um corpo perfeito, mas, sim, de uma jogadora perfeita, que esteja apta técnica, tática e moralmente para as disputas. Por isso são as veteranas o espelho, modelo a ser seguido. Muitas vezes são elas que aconselham, explicam como um movimento técnico deve ser executado, como deve ser o posicionamento dentro de campo, qual é a postura que se precisa ter perante os outros do mundo do rúgbi.

De forma geral, as observações apontaram para uma relação mestre-discípulo muito mais entre veteranas e novatas do que entre técnico e novatas, algo semelhante às constatações de Sabino nas academias, em que tal vínculo se colocou entre fisiculturistas e novatos. As veteranas têm autoridade para introduzir as novatas no mundo do rúgbi, na medida em que incorporam “um capital constituído por um conjunto de técnicas e atos eficazes que se tornam esquemas radicados no cotidiano de seu esporte” (SABINO, 2000, p. 87).

Mas, no caso das academias de musculação, os fisiculturistas rivalizam com os professores/instrutores no que concerne à eficácia de alguns exercícios, algo ausente no campo pesquisado no que se refere ao aparato técnico do jogo. O treinador, durante as observações realizadas, nunca teve seu trabalho questionado pelas veteranas. Pelo contrário, o grupo reconhece sua importância como aquele que sistematiza o treinamento e organiza o time, que cuida dos detalhes técnico-táticos. Em última análise, é ele quem legitima a equipe, autoridade responsável pelo aprimoramento da performance das jogadoras e que, juntamente com as veteranas, mantém viva a tradição do rúgbi.

4 O LUGAR DA TRADIÇÃO: SACRIFÍCIO, *ESPÍRITO DO RÚGBI*, FAMÍLIA E PROFISSIONALISMO

[...] o XV, ele é 100% coletivo. Tu não fazes nada sozinho. Nada. [Fala com convicção] [...] Mas ele tem todo o espírito. [Ênfase na voz] Tu arriskas a tua vida agora pelo teu companheiro de equipe, porque daqui a pouco ele vai arriscar a vida dele por ti. E tu vês isso em cada momento do jogo. São quinze pessoas

12 Relato do caderno de campo de 06/08/2011, referente à viagem para disputa de jogo em cidade do interior do estado de SC.

13 Ao tratar da economia sexual presente nas relações entre os frequentadores de academias de ginástica e musculação, Sabino argumenta que os fisiculturistas não são os preferidos das mulheres. A essas agradam mais aqueles que chamou de veteranos, homens que já têm algum tempo de prática de musculação, mas não a encaram de maneira competitiva e, assim, mantêm uma forma física mais próxima do que as mulheres considerariam bonito, pois “buscam a forma clássica de beleza masculina, ostentam corpo atlético, sem o exagero da massa muscular” (SABINO, 2000, p. 76). Apesar de Sabino trabalhar também com a categoria *veteranos* no contexto das academias, consideramos que as veteranas do rúgbi se aproximam mais dos fisiculturistas por conta do papel de autoridade que desempenham em seus respectivos campos.

lutando para ganhar 50 cm. [...] É diferente. Tem quinze em campo, mas são vinte e duas pessoas ali¹⁴. É mais gente, é mais união e são pessoas diferentes e cada uma tem o seu papel. A menina de 100 kg vai ter que fazer muita força pra depois uma menina de 50 kg poder correr mais. [...] É mais gostoso. (JOANA).

A fala acima deixa ver que no rúgbi o coletivo é muito valorizado, o que pode significar a necessidade de sacrificar-se em nome do grupo. Neste sentido, a noção de sacrifício ganha novos contornos, para além do momento presente no treinamento esportivo, se considerarmos que o treinamento obedece à lógica de cálculo do próprio sacrifício, processo racionalizado que regula o nível de estresse infligido ao corpo para se chegar a uma melhor adaptação e consequente potencialização do rendimento corporal¹⁵. Aqui, no entanto, o sacrifício representaria um elemento que materializa a união e o *espírito do rúgbi*, em que o coletivo deve estar sempre acima de qualquer vontade individual. Esse espírito seria o responsável, segundo o discurso nativo, pelo envolvimento e manutenção da prática do rúgbi, pela beleza do esporte, no sentido moral, por ser justo e agregador e, por isso, cativante.

Pra mim [o espírito do rúgbi] é essa amizade. Que você vai, você tem um adversário ali no campo e quando sai do campo aquele adversário é que pega na tua mão, vem te abraçar e [diz] “parabéns pelo seu jogo!”. Quando são eles quem ganham, aplaudem o nosso time, [falam] “obrigada por vocês terem vindo até aqui e ter nos dado o prazer de jogar rúgbi, que todos nós somos apaixonados”. Eu acho que é o diferencial dos outros esportes. [...] o adversário [...] ele também é um amante do mesmo esporte que eu [...] no rúgbi a gente tem essa camaradagem, esse espírito gostoso. [...] Os caras te acolhem de um jeito muito bacana. (MARCELA)

E o *espírito do rúgbi* parece delinear uma tradição esportiva que passa não apenas pelos ensinamentos técnico-táticos, mas também por aquilo que é construído extracampo, longe de jogos e treinos. É preciso viver o rúgbi e seu espírito, como salientou uma de nossas informantes, Talita¹⁶, ao dizer que só é possível entender o *espírito do rúgbi* quando se está em seu interior, ou seja, ao experimentar no dia a dia sua lógica e funcionamento. E isso só pode ser conquistado a partir do convívio com outros jogadores, com aqueles que compartilham os mesmos códigos e gostos, que transmitem seus conhecimentos para os mais novos e trocam experiências entre si. Momentos de confraternização ganham importância nesse contexto, como festas do clube (festa junina, festa de encerramento das atividades do ano, festa de aniversário do clube etc.), pequenas reuniões e encontros do time (como jantares, almoços ou cafés na casa de alguma jogadora, ou mesmo ida a bares e boates em grupo), participações nos campeonatos em que o Desterro compete (mesmo quando não tomam parte das disputas, as jogadoras do clube vão ao campo torcer pelos times masculinos, seja adulto ou juvenil, algumas vezes ajudam na organização do terceiro tempo ou auxiliam na arbitragem, quando não há especialistas¹⁷), enfim, os espaços e tempos socialmente compartilhados acabam tendo peso na constituição do time e, segundo a interpretação nativa, no próprio desempenho dentro de campo.

Neste quadro, a relação com o clube é singular, pois este se configura, na rotina daqueles que praticam rúgbi, como o espaço, por excelência, de convívio, mesmo que ele “não exista” como estrutura física, como ocorre com o Desterro (e com a maioria dos clubes de

14 Somados os números de jogadores titulares e reservas.

15 Sobre o tema ver, por exemplo, Vaz (1999) e Gonçalves; Turelli e Vaz (2012).

16 Talita: 23 anos, joga rúgbi desde 2011 e passou a integrar a seleção brasileira no ano de 2012.

17 A formação de quadros da arbitragem é algo recente. Durante muito tempo os próprios jogadores e jogadoras faziam as funções de árbitros auxiliares.

rúgbi brasileiros, segundo nossas fontes indicaram), que em quase 20 anos de existência (foi fundado em 1995) não possui uma sede, nem um campo para realizar treinos e campeonatos, sendo necessário alugar espaços conforme a necessidade. Tal fato, porém, só parece estreitar os laços entre os associados, pois são eles que acabam dando corpo ao clube, e qualquer iniciativa referente à entidade mobiliza a todos para sua concretização¹⁸, resultando na constituição do que as informantes chamaram de família.

Aí eu me apaixonei pelo jogo. Daí depois do primeiro campeonato, o jogo em si, dentro de campo, mas fora também, terceiro tempo [...] E ver que o rúgbi é um esporte diferente mesmo. Eu já fiz tudo quanto é esporte, mas daí o rúgbi tem: terceiro tempo, festa, todo mundo amigo, você começa a fazer amizade com pessoas dos outros times, coisa que tu não vês muito nos outros [esportes]. [...] Vê que é uma família mesmo. São as mesmas pessoas, desde que eu entrei. (VIVIANE¹⁹)

Como Viviane nos deixa ver em sua fala, o clube forma uma família que simboliza a união e a tradição, a amizade e a camaradagem. A família clubística, como assinala Saouter (2003), é aquela responsável pela formação do *rugbier* (ou no caso por nós pesquisado, da *rugbier*), que deve estar preparado para o jogo a partir dos ensinamentos técnico-táticos, bem como do sistema de valores *sui generis* da modalidade. Mas essa família ultrapassa os limites do clube, envolvendo toda uma comunidade criada em torno do esporte, composta de jogadores e jogadoras, mas também ex-praticantes e, principalmente, familiares. Aliás, assim como ocorre em outras modalidades com forte caráter amador, muitas vezes o gerenciamento do esporte depende em muito do envolvimento dos familiares, em especial “na organização das equipes, arrecadação de fundos, preparação técnica [...] realização de torneios e viagens para disputas de campeonatos” (ALMEIDA, 2008, p. 102).

Entretanto, paulatinamente o cenário vai se alterando no rúgbi brasileiro, com o surgimento de incentivos mais volumosos à modalidade, muito impulsionados pela inclusão do esporte (em sua versão *sevens*) na próxima edição dos Jogos Olímpicos, a ser realizada em 2016 na cidade do Rio de Janeiro. Por ser país-sede, o Brasil já tem sua vaga garantida e a CBRu (Confederação Brasileira de *Rugby*) não tem medido esforços para garantir uma boa preparação para a equipe brasileira. Neste quadro, nos deparamos com o recente movimento de profissionalização de jogadoras da seleção brasileira.

O objetivo da Confederação Brasileira é elevar o nível do rúgbi brasileiro [fala seriamente] e eles tentaram pegar a mesma proposta do vôlei, de primeiro fortalecer as seleções, pra elas serem o espelho. Diferente de outras modalidades que começam aumentando a base. [...] Nós somos 20 jogadoras no grupo de elite, da seleção, eles conversaram com todas as jogadoras vendo a possibilidade de elas se mudarem pra São Paulo, quem é de fora, ou de seguir um plano de treinamento na sua cidade, pra quem não pode, e foi decidido que eles iriam profissionalizar 12 meninas. Oito centralizadas, que são meninas que vão morar em São Paulo, ou já moram em São Paulo e vão poder se dedicar ao máximo. O ‘ao máximo’ significa dois períodos por dia [...] É realmente uma profissão. [...] O objetivo de centralizar é o foco na preparação física, com um preparador físico qualificado todo dia lá com a gente. É diferente você treinar sozinha do que treinar lá. Então a evolução física ela vai ser cobrada. [...] O objetivo é realmente evoluir. Serão contratos de um ano. [...]

18 Quando da realização de encontros do clube há uma organização interna para decidir quem vai resolver a questão do espaço, que pode ser um local alugado ou a residência de um associado ou familiar de um membro do clube, o que é mais frequente. Outro exemplo é o armazenamento de equipamentos de treino, uniformes e troféus, que ficam sob responsabilidade de uma pessoa, depois de devidamente decidido no interior do grupo.

19 Viviane: 32 anos, pratica rúgbi desde 2000, tendo feito parte da primeira formação do selecionado nacional, assim como Marcela, no ano de 2001. Segue atuando no grupo.

A gente nunca pediu a profissionalização, a gente sempre achou que a gente pode evoluir, mas a gente está esperançosa que vá conseguir subir um patamar. (JOANA)

Mas a questão colocada, a profissionalização, ainda não é ponto pacífico entre os praticantes. No caso das informantes de nossa pesquisa, nem todas pareceram estar seguras se será uma iniciativa acertada, pois se por um lado é este um importante movimento para o desenvolvimento do esporte, por outro pode ser nocivo ao *espírito do rúgbi*, além de prejudicial ao desenvolvimento dos clubes. Segundo elas, a primeira problemática é que o desenvolvimento da seleção feminina parece acontecer em detrimento dos clubes, havendo uma inversão no incentivo (valoriza-se o topo e não a base da pirâmide). É, obviamente, uma escolha dos dirigentes esportivos que cuidam da modalidade no país, algo que está claro para as entrevistadas, mas que não diminui os descontentamentos em relação ao processo. Talvez essa iniciativa gere novas posturas, ficando o clube em segundo plano na escolha das jogadoras²⁰, enfraquecendo uma das características que compõe o etos amador do rúgbi: o amor à camisa.

Disso deriva outra questão que se refere a um profissionalismo desenvolvido pela metade, pois apenas uma elite da modalidade (que tem tempo e dinheiro²¹ para se dedicar ao esporte, para pagar as mensalidades do clube, as viagens e atividades extras exigidas para manter um bom nível de desempenho, como academias de musculação, por exemplo) consegue ascender ao nível profissional (ou semiprofissional), à medida que se destaca em meio às demais jogadoras. Além disso, as críticas das jogadoras por nós entrevistadas não se dirigem, propriamente, ao fenômeno da profissionalização, mas, sim, à forma como ele vem sendo desenvolvido, com pouco apoio aos clubes e incremento da seleção, que, por sua vez, também não dispõe das melhores condições de treinamento para alcançar os objetivos desejados.

Essa é uma questão ainda nova no rúgbi brasileiro e que parece pôr em xeque, ou ao menos em tensão, o discurso amador da prática. É preciso estar atento às novas configurações geradas a partir da profissionalização que, certamente, estabelecerá uma outra dinâmica no rúgbi brasileiro, o que poderá levar, inclusive, a uma modificação nas formas de jogar, pois, conforme o discurso nativo, as disputas tenderão a ser mais acirradas e a amizade e o cavalheirismo poderão se perder em meio à sede de vitória. O próprio campo defende, ainda que de forma ambígua, uma dinâmica anacrônica, a do esporte livre de qualquer interesse pecuniário, como se isso fosse determinante para que os valores vistos como positivos permanecessem. Toda a exclusão que o amadorismo historicamente provocou – fazendo o esporte rejeitar, na prática, trabalhadores de baixa extração e minorias étnicas –, com exceção da participação esportiva das mulheres, mantém-se tão atual quanto não observada.

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

Como vimos, o rúgbi tem se constituído, desde o século XIX, como um esporte feito e praticado por *gentlemen*, por amadores que se dedicam à modalidade por puro prazer e paixão.

20 Sobre isso, disse-nos Joana: “[...] muitas meninas almejam seleção hoje em dia nos clubes, mas tu tens que primeiro fazer no teu clube e depois pensar em alguma coisa. Tem muitas meninas ali no Desterro que já pensam em ser seleção sem nem pensar em ser titular no Desterro [risos].”

21 Além do pagamento das mensalidades (que cobrem pequenas despesas, como a ajuda de custos aos técnicos de cada equipe (masculino adulto, juvenil e feminino adulto), há gastos extras com competições (inscrição, alojamento, transporte, alimentação etc.), material individual de treino (chuteiras, meias, calções de rúgbi, entre outros) e preparação física realizada além dos treinamentos regulares. Desde 2013 o Desterro feminino conta com a supervisão de um preparador físico, também jogador do clube, que prescreve treinos individuais para cada jogadora. O pagamento desse profissional é feito à parte e individualmente por cada uma delas.

Tais características ainda se fazem presentes em pleno século XXI, como pudemos constatar em nossa pesquisa junto a uma equipe feminina. Dentro de campo, é preciso manter os ideais de jogo limpo, respeitando sempre as regras, o adversário e a autoridade do árbitro. Fora dele, deve-se promover uma postura honrada e nobre, bem como momentos de confraternização e de sociabilidade, como o famoso e tradicional terceiro tempo, quando os times se reúnem para celebrar o rúgbi e mostrar que possíveis diferenças estão circunscritas apenas aos 80 (ou 14)²² minutos de jogo.

Apesar da gradual profissionalização do esporte, que remonta à segunda metade da década de 1990 no cenário internacional²³, o etos amador segue imperando na constituição da identidade daqueles que se dedicam ao rúgbi, que o praticam por divertimento, por puro esporte, em que a tônica da prática está no prazer de jogar e de estar entre os pares. A semiprofissionalização, presente apenas no plano da equipe nacional, reproduz em plano local, ainda que de forma muito incipiente, a divisão internacional entre profissionais e amadores.

Como um dos últimos resquícios do esporte amador, o rúgbi muitas vezes parece lutar contra a tendência do esporte contemporâneo de profissionalização, o que vem gerando muitas controvérsias, especialmente no Brasil, onde a discussão chegou há pouco na modalidade, ela mesma nova no país. Se um amadorismo residual resistiu até o fim da Guerra Fria, quando os países do Pacto de Varsóvia ainda o proclamavam, o contemporâneo espetáculo já não oferece chances para sua continuidade.

A ênfase no amadorismo é anacrônica, momento de afirmação de setores refratários ao liberalismo e empenhados em manter o esporte restrito a camadas médias ou superiores da sociedade. As jogadoras do Desterro são, de certa forma, expressão disso, com capacidade financeira de manter o clube e suas atividades, formação universitária e tempo disponível para a prática do esporte. Livre dos ditames mercadológicos, o rúgbi amador permanece, no entanto, como dispositivo de distinção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. **Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de rugby em um clube de Porto Alegre**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 221-247.

BOURDIEU, Pierre. Com é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

²² 80 minutos no caso da versão XV e 14 no *sevens*.

²³ A partir de 1995 a IRB (*International Rugby Board*) declarou o rúgbi como esporte “aberto”, retirando a obrigatoriedade da condição amadora para os jogadores e flexibilizando pagamentos e contratos. Tal decisão foi tomada possivelmente por causa da então presente dificuldade da entidade em controlar a manutenção do amadorismo.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 299-325.

ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 223-256.

GAY, Peter. Domínio incerto. *In*: GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. v. 3, p. 426-448.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 141 - 158, jul./set. 2012.

RIAL, Carmen Silvia. Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade. *In*: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pilar. **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 229-258.

SABINO, Cesar. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. *In*: GOLDENBERG, Miriam. (Org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61-103.

SAOUTER, Anne. A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 37 - 52, maio/ago. 2003.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, ago. 1999.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.